

## DO LEITOR AO NAVEGADOR: CAMINHOS QUE SE BIFURCAM

Ana Cristina Coutinho Viegas  
Universidade Estácio de Sá

Os meios de comunicação cristalizam convenções que são internalizadas pelos indivíduos durante os processos de socialização. Com seus aparatos técnicos, financeiros, políticos e estéticos de mediação e distribuição, a mídia e a mecânica de mercado estabelecem relações de dependência e padrões de organização dos sistemas de bens culturais<sup>1</sup>. São forças que transformam as obras em objetos desejáveis e adquiríveis. Não é de hoje que existe uma literatura comercial e que as necessidades do comércio impõem-se no campo cultural. Atualmente, porém, a influência dos detentores do poder sobre os instrumentos de circulação – e de consagração – é muito extensa e complexa. As novas tecnologias, por sua vez, promovem alterações tanto na produção, quanto na difusão e na recepção dos bens culturais de modo geral. Faz-se necessário, portanto, colocar em foco, de forma interdisciplinar, a discussão sobre como e quanto elas atuam no consumo desses bens, entre os quais se incluem os textos literários.

Mudanças nas formas de experimentar o mundo estão vinculadas a condições culturais da percepção humana. Dentro desta perspectiva, longe de apenas se adequarem a um uso instrumental e calculável, os produtos da tecnologia são fontes de imaginário, entidades que participam plenamente da instituição de mundos percebidos. Basta lembrar que a decadência da cultura estética regida pela prática da aura foi causada, entre outros fatores, pela capacidade tecno-industrial de reproduzir a imagem. Além da importância de se analisar o poder político-econômico da mídia, precisam ser observadas as modificações no modo de os indivíduos perceberem e representarem realidades a partir da convivência com essa mídia.

---

<sup>1</sup> SCHMIDT, Siegfried. Sobre a escrita de histórias da literatura. In: OLINTO, Heidrun K. (org.). *Histórias de literatura. As novas teorias alemãs*. SP: Ática, 1996. p. 101-132.

Estudos antropológicos recentes mostram que membros de culturas escritas estruturam seu pensamento de forma diferente de indivíduos de culturas orais. Também as pesquisas no campo da psicologia da cognição vêm a ser fundamentais para se avaliar como a recepção sofre modificações com os avanços tecnológicos.

A mudança técnica é uma das principais forças que intervêm na dinâmica de uma coletividade, o que é válido também para a dinâmica que move o sistema dos bens culturais.

Basta que, em uma situação histórica dada, Cristovão Colombo descubra a América, e a visão européia do homem encontra-se transtornada, o mundo pré-colombiano da América está ameaçado de arruinar-se (não somente o império dos Incas, mas seus deuses, seus cantos, a beleza de suas mulheres, sua forma de *habitar* a terra). O transcendental histórico está à mercê de uma viagem de barco. Basta que alguns grupos sociais disseminem um novo dispositivo de comunicação, e todo o equilíbrio das representações e das imagens será transformado, como (...) no caso da escrita, do alfabeto, da impressão, ou dos meios de comunicação e transporte modernos.<sup>2</sup>

Quando uma inovação técnica desestabiliza um antigo equilíbrio de forças e representações, estratégias inéditas tornam-se possíveis e um conjunto heterogêneo de agentes sociais passa a explorar essas novas possibilidades. No século XIX, após a revolução industrial da imprensa, os papéis do autor, do editor, do distribuidor, do livreiro estavam claramente separados. Com as redes eletrônicas, entretanto, aproximam-se seqüências temporais que eram distintas e essas operações se tornam quase contemporâneas umas das outras. No mundo eletrônico, o produtor de um texto pode, por exemplo, ser imediatamente o editor no sentido daquele que dá forma definitiva a esse texto e daquele que o difunde para os leitores.

De acordo com Chartier, em seu livro *Os desafios da escrita*, a revolução do texto eletrônico representa uma revolução da técnica de produção, do suporte do escrito – uma vez

---

<sup>2</sup> LÉVY, Pierre. *As tecnologias da inteligência*. Trad. Carlos Irineu da Costa. SP: Editora 34, 1998. p. 16.

que, contra a idéia de abstração dos textos, é preciso lembrar que estes não existem fora dos suportes materiais que lhes servem de veículos – e das práticas de leitura<sup>3</sup>.

Com a estética da recepção, a literatura passou a ser tratada como fenômeno complexo visto no contexto de uma situação comunicativa. Os estudos de Jauss constituem um projeto inicial na cadeia de trabalhos teóricos que vão privilegiar o leitor interativo em lugar do leitor contemplativo. Com a passagem da estrutura linear do livro para a forma multimidiática, os papéis atribuídos ao leitor precisam ser novamente questionados.

Ao invés de um lugar na biblioteca, a literatura passa a disputar outros espaços abertos pelas novas tecnologias. À medida que a obra de arte foi-se libertando da aura e, conseqüentemente, do seu valor de culto, teve seu valor de exposição<sup>4</sup> ampliado a ponto de aparecer na mesma tela de computador usada para se receber uma mensagem de trabalho, obter informações burocráticas, enviar mensagens íntimas, enfim o espaço literário está submerso no mundo das atividades cotidianas e convive com incontáveis parceiros de natureza verbal e não-verbal.

A poética da “obra em movimento” apresentada por Umberto Eco<sup>5</sup>, no final dos anos 60, tendo como exemplo, no caso da literatura, o projeto não concretizado por Mallarmé de um livro em permanente construção – *Le livre* –, constitui um dos precursores para os estudos atuais no campo das relações entre literatura e mídia.

Proposta semelhante encontra-se em *O jardim dos caminhos que se bifurcam*, de Borges. O protagonista, após tomar conhecimento da idealização de um livro-labirinto que poderia

---

<sup>3</sup> CHARTIER, Roger. *Os desafios da escrita*. Trad. Fulvia M. L. Moretto. SP: Editora UNESP, 2002. p. 113.

<sup>4</sup> Os termos “valor de culto” e “valor de exposição” são empregados aqui na acepção benjaminiana. (cf. BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. In: \_\_\_\_\_. *Magia e técnica, arte e política*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. SP: Brasiliense, 1985. p. 165-196.)

<sup>5</sup> ECO, Umberto. A poética da obra aberta. In: \_\_\_\_\_. *Obra aberta*. Trad. Giovanni Cutolo. 8 ed. SP: Perspectiva, 2001. p. 37-66.

continuar indefinidamente, sente-se, assim como um leitor de hipertextos, cercado até o infinito de pessoas invisíveis<sup>6</sup>.

No filme *Abril despedaçado*, de Walter Salles, em conversa com o irmão, o menino, que não domina o código escrito, vira um livro de cabeça para baixo, de um lado e de outro. Na tentativa de provar, através da figura dos peixes, a possibilidade de várias formas de leitura, conclui: “Você é que não entende nada de livro”. É justamente com modos de ler e de escrever diversos que a literatura disputa um lugar na cultura contemporânea.

É importante vincular em uma mesma pesquisa o estudo da produção, da transmissão e da apropriação dos textos. Significa manejar ao mesmo tempo a crítica textual, a história do livro e, mais além, do impresso e do escrito, e a história do público e da recepção.

(...) deve-se considerar o conjunto dos condicionamentos que derivam das formas particulares nas quais o texto é posto diante do olhar, da leitura e da audição, ou das competências, convenções, códigos próprios à comunidade a qual pertence cada espectador ou cada leitor singular. A grande questão, quando nos interessamos pela história da produção dos significados, é compreender como as limitações são sempre transgredidas pela invenção ou, pelo contrário, como as liberdades da interpretação são sempre limitadas. A partir de uma interrogação como essa será talvez menos inquietante pesar as oportunidades e os riscos da revolução eletrônica.<sup>7</sup>

A esfera pública culta refratada em segmentos culturais, constituindo uma pluralidade de grupos de interesses, requer cada vez mais pesquisas interdisciplinares, incluindo profissionais da lingüística, da comunicação, da antropologia, da psicologia, da informática, entre outras áreas, o que certamente potencializará o campo literário. Nem mais o repertório comum e canônico da educação humanística clássica, nem o sonho de uma vivência total da arte como parte de projetos de revolução comportamental e política. São tempos de megamercados, que manipulam a moda,

---

<sup>6</sup> Cf. LADAGGA, Reinaldo. Uma fronteira do texto público: literatura e meios eletrônicos. In: OLINTO, Heidrun Krieger & SCHOLLHAMMER, Karl Erik. *Literatura e mídia*. RJ: PUC-Rio; SP: Loyola, 2002. p. 17-31.

<sup>7</sup> CHARTIER, Roger. *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. Trad. Reginaldo Carmello Corrêa de Moraes. SP: UNESP/Imprensa Oficial do Estado, 1999. p. 19.

e esta, por sua vez, convive com o gosto das tribos, que se relacionam a segmentos de mercado. A educação dos sentidos passou a ser um modo de identificação entre o indivíduo e um recorte grupal<sup>8</sup>. A arte constitui uma forma de resistência à cultura da massificação. Sua sobrevivência, contudo, depende do êxito que obtiver nos meios político-econômicos de circulação. Benjamin já nos alertava para o fato de que a arte será tanto mais eficaz quanto mais se orientar em função da sua reprodutibilidade.

Muitos títulos se encontram na “internet”, principalmente clássicos como Machado de Assis, José de Alencar e Drummond, no caso de escritores e poetas brasileiros. A digitalização de textos preexistentes na forma de livro constitui, porém, um simples processo de reprodução. Experiência diversa se dá no lançamento de um romance na “internet” em primeira mão, como no caso de *Miséria e grandeza do amor de Benedita*, de João Ubaldo Ribeiro. Durante cinco meses, o romance só esteve disponível em formato eletrônico. Nas primeiras três semanas após o lançamento, foram feitos 4 mil “downloads” da obra. O preço mais baixo parece ser o elemento mais sedutor dos livros virtuais<sup>9</sup>.

No que diz respeito à pragmática da comunicação, na tradição oral, os parceiros encontram-se mergulhados nas mesmas circunstâncias e compartilham hipertextos próximos. No caso da escrita, a distância entre os hipertextos do autor e do leitor pode ser muito grande. Disto resulta uma tendência à universalidade por parte do autor, assim como uma necessidade de interpretação por parte do receptor. No pólo informático-midiático, os atores da comunicação dividem cada vez mais um mesmo hipertexto. A pressão em direção à universalidade e à objetividade diminui, pois as mensagens são cada vez menos produzidas para durarem. Enquanto o critério dominante no

---

<sup>8</sup> MORICONI, Italo. *A provocação pós-moderna - razão histórica e política da teoria hoje*. Rio de Janeiro: Diadorim, 1994.

<sup>9</sup> ARIMA, Kátia. Preço baixo é atrativo dos livros virtuais. 7 ago. 2000. Disponível em < <http://www.estado.estadao.com.br/suplementos> >. Acesso em 11 jul. 2002.

pólo da oralidade primária é a conservação e, no pólo da escrita, a verdade, de acordo com modalidades de crítica, objetividade e universalidade, no pólo informático-midiático, os critérios dominantes são a eficácia e a pertinência<sup>10</sup>. Estes últimos remetem a inquietações contemporâneas – como a força da literatura frente às novas tecnologias e o confronto com a cultura de massa –, as quais suscitam questionamentos sobre que ficção se torna relevante e, portanto, pertinente para os leitores atuais.

Na tradição oral, importava ao ouvinte ser capaz de reproduzir a narrativa; no caso do romance, o leitor é convidado a refletir sobre a vida. Atualmente, que convites pode-se fazer ao leitor? Se o ouvinte tem a companhia do narrador, enquanto o leitor do romance é solitário, de que formas a “internet” altera a relação autor/leitor? Peguemos como exemplo a experiência do escritor Mário Prata. O livro *Os anjos de Badaró* foi sendo publicado “on-line”, capítulo por capítulo. Segundo o autor, o grande atrativo no “site” não era a obra em si, mas o processo de sua produção. Os visitantes podiam dar opiniões e eram, em média, 2.500 acessos diários à página<sup>11</sup>. Logo de saída, em experiências como essa, estão ocorrendo modificações na construção da figura do autor, que se aproxima bastante de um cidadão comum. Além disso, em que medida acompanhar diretamente a produção de um livro interfere na sua recepção? Ao dar destaque à estrutura de recepção necessária à obra, a teoria de Ingarden a respeito dos “pontos de indeterminação” textuais a serem preenchidos pelo leitor representou uma ruptura com a visão tradicional da arte como mera representação e foi considerada por Wolfgang Iser como um germe para sua teoria comunicacional, que, de acordo com um viés fenomenológico, exclui a

---

<sup>10</sup> LÉVY, Pierre. *op. cit.* p. 127.

<sup>11</sup> ARIMA, Kátia. *op. cit.*

possibilidade da existência de objetos independente do olhar interessado do sujeito<sup>12</sup>. Algumas décadas depois, a experiência de Mário Prata concretiza o que, sem a técnica, era apenas potencialidade.

Houve um tempo em que a crítica do leitor se limitava à seção “carta dos leitores”. Hoje as redes eletrônicas facilitam as intervenções, ampliando o espaço de discussão.

Deste ponto de vista, pode-se dizer que a produção dos juízos pessoais e a atividade crítica se colocam ao alcance de todo mundo. Daí, a crítica, como profissão específica, correr o risco de desaparecer. No fundo, a idéia kantiana segundo a qual cada um deve poder exercer seu juízo livremente, sem restrição, encontra seu suporte material e técnico com o texto eletrônico.<sup>13</sup>

O objetivo das abordagens sócio-históricas – um caminho para os estudos de literatura – é identificar a relação funcional variável em que textos literários se encontram na “experiência de vida” e não estabelecer as qualidades do texto como representação de intenções pessoais, da realidade histórica ou como resultado de experimentações lingüísticas. Essas relações funcionais revelam as convenções vigentes no que se refere à comunicação literária. Como resultado da relação intertextual de discursos literários e não-literários e das concretizações variáveis de textos literários, a imagem da obra de arte como autônoma desaparece, tornando-se necessário procurar o especificamente literário a partir e em oposição a outras manifestações textuais. Acentua-se o comprometimento com o paradigma da multiplicidade, visível tanto no esforço de historicizar o conjunto do fenômeno literatura quanto na abertura para espaços interdisciplinares e interculturais.

Os processos interativos dos vários papéis acionais ficam sujeitos a contínuas modificações sob a influência de impulsos e necessidades de origens diversas. Faz-se mister tomar consciência

---

<sup>12</sup> ISER, Wolfgang. A interação do texto com o leitor. In: LIMA, Luiz Costa. *A literatura e o leitor: textos de estética da recepção*. RJ: Paz e Terra, 1979. p. 83-132.

<sup>13</sup> CHARTIER, Roger. *op. cit.* p. 18.

desses mecanismos, descrevê-los, a fim de elaborar novas formas de intervenção, talvez programas de ação combinada entre agentes diversos – artistas, escritores, professores, jornalistas, pesquisadores – no sentido de criar alternativas visando à propagação da literatura e das artes em geral. É necessário redescobrir o papel dos artistas e intelectuais em relação às sociedades civis, em especial num país periférico como o nosso. Uma nova forma de distribuição das obras através da “internet” pode ser uma saída não só para democratizar a produção e a distribuição, como também para popularizar a leitura.

O campo literário se constitui na interação de diferentes indivíduos que lidam com os fenômenos tidos como literários, indivíduos estes que também se articulam com esferas extraliterárias. A mídia eletrônica e a informática vêm a ser componentes dessa rede. De um lado, a informática, ao misturar os papéis dos agentes sociais, cria uma liberdade nova à medida que permite, por exemplo, que o autor se torne editor e distribuidor de seu próprio texto — uma forma de tentar driblar o poder e as exigências do mercado. Por outro lado, não se pode esquecer de que poderosas empresas multimídia determinam a oferta de leitura e de informação nas redes eletrônicas. Democratizar esse novo espaço representa, por conseguinte, mais um desafio.

Nem euforia, nem desânimo diante das novas tecnologias. É preciso incentivar o debate sobre como e quanto esses componentes atuam na recepção dos bens culturais. Afinal, trata-se da vida contemporânea, da paisagem que nos circunda.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARIMA, Kátia. Preço baixo é atrativo dos livros virtuais. 7 ago. 2000. Disponível em < <http://www.estado.estadao.com.br/suplementos> >. Acesso em 11 jul. 2002.
- BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. In: \_\_\_\_\_. *Magia e técnica, arte e política*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. SP: Brasiliense, 1985. p. 165-196.
- CHARTIER, Roger. *Os desafios da escrita*. Trad. Fulvia M. L. Moretto. SP: Editora UNESP, 2002.
- \_\_\_\_\_. *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. Trad. Reginaldo Carmello Corrêa de Moraes. SP: UNESP/Imprensa Oficial do Estado, 1999.
- ECO, Umberto. A poética da obra aberta. In: \_\_\_\_\_. *Obra aberta*. Trad. Giovanni Cutolo. 8 ed. SP: Perspectiva, 2001. p. 37-66.
- ISER, Wolfgang. A interação do texto com o leitor. In: LIMA, Luiz Costa. *A literatura e o leitor: textos de estética da recepção*. RJ: Paz e Terra, 1979. p. 83-132.
- LADAGGA, Reinaldo. Uma fronteira do texto público: literatura e meios eletrônicos. In: OLINTO, Heidrun Krieger & SCHOLLHAMMER, Karl Erik. *Literatura e mídia*. RJ: PUC-Rio; SP: Loyola, 2002. p. 17-31.
- LÉVY, Pierre. *As tecnologias da inteligência*. Trad. Carlos Irineu da Costa. SP: Editora 34, 1998.
- MORICONI, Italo. A provocação pós-moderna – razão histórica e política da teoria hoje. Rio de Janeiro: Diadorim, 1994.
- SCHMIDT, Siegfried. Sobre a escrita de histórias da literatura. In: OLINTO, Heidrun K. (org.). *Histórias de literatura. As novas teorias alemãs*. SP: Ática, 1996. p. 101-132.